



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 31 de Janeiro de 1976 * Ano XXXII — N.º 832 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

* Director: Padre Luiz

Calvário

Chegaram ontem mais duas doentes. São duas doentes cancerosas. Tiveram que ser retiradas do hospital, porque ali mais nada havia a fazer-lhes.

O hospital é modelo. Diz convicta e orgulhosamente a última palavra da ciência. Mas não aquela por que o doente anseia. Os homens são tão imperfeitos, mesmo quando atingem a perfeição técnica!

O homem, declarado incurável, quer a palavra que a ciência não comporta: a palavra que só o amor sabe ditar.

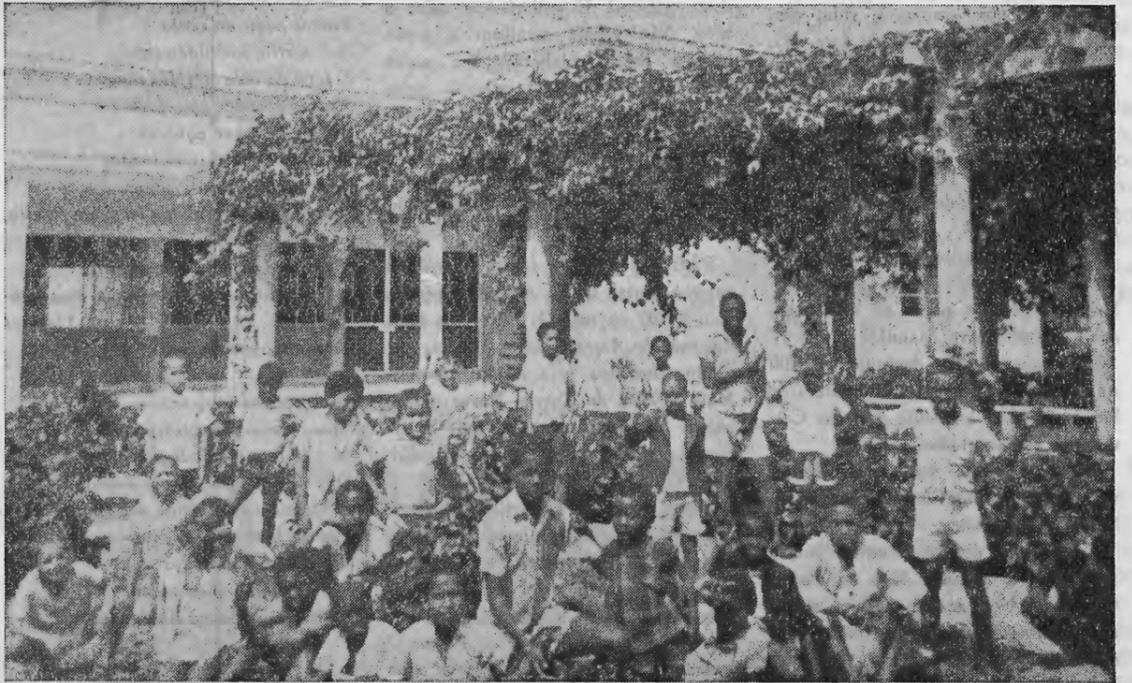
A inquietação da senhora Laurinda passou. Nem parece doente. Para ela tudo está bem. Tudo serve. Não deseja incomodar ninguém. Nota que a estimam. Repara que a amam. O amor cura, não o mal físico, mas as consequências, dramáticas por vezes, dum findar de vida sem ninguém ao lado.

A dor da senhora Virgínia é mais aguda. Esta geme. Mas, por entre ais fundos, brota sorrisos. Ela projecta do interior a certeza de que se sente igualmente acolhida e amada. E por isso definha calmamente na paz.

O doente, mesmo o doente fisicamente perdido, não se revolta, não desespera, se tem na sua frente, não a ciência, mas o amor. O amor tudo vence, tudo ultrapassa, mesmo a morte. O homem que leva consigo a certeza do amor dos outros, dos que o rodeiam, morre sempre na paz.

O leito do doente é uma escola onde se ensina e aprende simultaneamente a técnica do amor, do verdadeiro amor.

Padre Baptista



Uma parte da nossa Comunidade de Benguela

ÁFRICA

Notas
de viagem (3)

● Durante a nossa permanência em Benguela tivemos oportunidade de nos deslocar ao Cubal e à Ganda, na companhia de Padre Manuel, de uma Religiosa e de quatro ou cinco Rapazes, em ordem a recuperar o que houvesse ainda na Missão das Irmãs Dorotheias, sita precisamente na

artéria principal daquela segunda cidade, em frente à delegação de um dos movimentos políticos angolanos. O que ali vimos transcendeu tudo o que poderíamos imaginar. Uma autêntica cidade fantasma, completamente destruída, com sinais evidentes de luta e de sequente saque. Uma brisa ligeira mais agudizava o espectáculo, impelindo a bater portas e janelas; cães e gatos esfomeados a vaguear, uivando ou miando aflitivamente; de vez em quando uma patrulha armada, de jipe, em missão de vigilância, ou um ou outro Africano com sacos às costas, eram sinais a dizer-nos, apesar de tudo, que ainda não se extinguiu ali totalmente a vida humana; alguém, que supomos ter enlouquecido durante os confrontos havidos, gritava ou falava alto, de modo desconexo, numa das habitações, saindo e entrando agitadamente. Como é terrível a guerra e ao que pode levar a demissão dos homens!

rito. Na capital da Huíla, após prévio telefonema, encontrámo-nos no aeroporto com D. Eurico e Padre Jofre. Foram momentos de profunda comunhão e de alegria, a par de ansiedades e do pânico vivido por muitos refugiados.

Era o declinar do dia quando aterrámos em Luanda, voando quase sempre ao longo da costa, como medida de precaução. Pelas 20 horas recebíamos pousada amigável na Casa Episcopal, conduzidos aí em carro posto fraternalmente à disposição, não sem termos, de novo, presenciado a tragédia que então era comum no aeroporto da capital angolana.

● Uma palavra de louvor e de profundo respeito pela acção desenvolvida pela Cruz Vermelha Internacional e pela Caritas. O aprumo, a delicadeza, a isenção e o espírito de sacrifício do pessoal daquelas organizações foram dos factos mais impressionantes constatados, no bom sentido, durante a nossa permanência em Angola. Nem a incompreensão dos homens, nem as dificuldades a vencer, foram escolhos para o seu bem-fazer. Os géneros distribuídos, vindos dos mais diversos países, e os milhares de pessoas evacuadas são disso prova evidente. O sentido de solidariedade e o carinho e o

Aqui, Lisboa!

No último jornal disse-vos o que foi «o meu Natal». Hoje falo-vos do Natal que nos destes.

Foi o primeiro que passei nesta Comunidade do Tojal. Eu já sabia da tradição dos lisboetas em nos proporcionar uma Festa de Natal com muitos mimos, onde nada de nada faltasse. Sabia, sim; mas estava longe de adivinhar que o amor por nós até faz milagres.

Estava preparado — devido às múltiplas dificuldades que todos passamos — a recorrer a uma economia caseira e, com ela, tirar todo o proveito para que nada faltasse do que é habitual numa família pobre. Enganei-me redondamente. As gentes de Lisboa — e não só — é que me ensinaram mais uma vez a confiar!

Apareceu tudo a tempo e horas! Desde o peru ao bacalhau, carne, batatas, tronchuda, pão, fruta até ao bolo-rei; passando pelas boroas doces, doces de toda a qualidade e variadíssimos; rebuçados, drops, caramelos, chocolates e sei lá que mais variedades e ror de coisas nos foram dadas; não faltando o vinho e o mel. Foi tudo tão abundante que no Ano Novo a festa continuou com as sobras do Natal.

Brinquedos e roupas foi um mundo e uma alegria de coisas novas que todos tiveram.

Mesmo antes do Natal houve uma merenda — e que merenda! — trazida e servida por um numeroso grupo de moradores dum terra aqui próxima, que, alertada pela Comissão de Moradores local para as Crianças da rua e o amor que lhes

é devido, cá passaram a tarde a partilhar da nossa alegria

As senhoras da NATO, com as suas prendas e as suas economias da Postura, como elas dizem quando aparecem ao longo do ano, vieram com os seus filhos passar horas de convívio. As senhoras inglesas do Estoril, que há anos fazem ponto de honra em que a ceia e o almoço do dia de Festa seja por sua conta e risco, durante o ano aparecem muitas vezes, com muita amizade e discrição. O senhor inglês — quase vizinho — não faltou no próprio dia com o bolo-rei fresquinho e do bom. As senhoras nórdicas avisaram estar só no dia de Reis. Foi um novo Natal! Prendas para cada um em embrulhos de

Cont. na QUARTA pág.

● Saímos de Benguela para Luanda no dia 15 de Outubro, via Sá da Bandeira, num avião da Cruz Vermelha Internacional. A partida, tivemos a grata consolação de termos conosco, além de Padre Manuel, D. Óscar e um grupo de devotados sacerdotes suíços, cujo exemplo e coragem jamais se desvanecerão do espí-

Cont. na QUARTA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

A venda do Jornal no Norte do País

Nós costumamos sair no sábado, lá pelas 6,30 h e estamos no Porto às 7,15 h, a fim de tomarmos o pequeno-almoço. Depois, vamos à vida, com 100 jornais cada um, Porto fora. Há, também, os que vão para outras cidades e para os arredores do Porto, de comboio ou de camioneta.

Por exemplo, o «Girassol» leva 100 para Viana. E o «Rouxinol» 200 para Braga. Vende-os sempre; mas, desta vez, falhou!

O novo vendedor em Aveiro é o Mendão. Deu boa conta do recado. Despachou 400 e podia ter sido mais, se os levasse. Bravo, Mendão!

O «Papagaio II» despacha só 100 na Póvoa de Varzim! O «Salazar», bom vendedor, leva 200 para os Carvalhos e passa-os todos.

Eu, «Tiroliro», vendo no Porto, na zona do Bonfim e Campanhã. Vendo o suficiente.

Em nossa última reunião houve problemas a discutir. E o sr. Padre Carlos resolveu acabar com a venda aos domingos de tarde, dado que muitos são tentados... a ir ao futebol e ao cinema; e a passarem a tarde à boa vida. Depois *aninhem* jornais!... Eis o motivo porque não vendemos aos domingos à tarde, na cidade do Porto.

É a primeira vez que escrevo para «O Gaiato». Espero que tenham gostado da crónica.

Maurício Alvaro da Conceição
(«Tiroliro»)

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Se Zé tem um mal incurável. Quando lhe demos a mão, supúnhamos que não duraria muito tempo...

Abrimos-lhe, então, a porta da Medicina, apesar de desiludido pelos contrários, mas conformado. Esclarecemos que deveria tratar-se como os mais, até ao fim. Acedeu.

Hoje, apesar do mal, é outro homem!

Quando nos sentimos por baixo, vamos até lá; comunicar — receber. Se Zé é um tempo vivo. Adocica o seu calvário porque tem fé; penetrante, luminosa.

Depositámos, agora, nas suas mãos, um embrulho de roupa usada, limpa, jeitosa. Os olhos riam! Disse: — Não a gasto toda! Olhe que já tenho com que me embrulhar no último dia... que não tarda. E quando Lá chegar serei o vosso defensor...

Ficámos sufocados! E pedimos ali mesmo, ao Senhor, que merecêssemos sempre, sempre, esta retribuição: «quando Lá chegar serei o vosso defensor».

Não há retribuição mais válida e rendível que a dos Pobres!

● Nos últimos dias, servimos medicamentos a vários Proletários. É o custo de vida, em espiral. E as doenças que levam tudo. A cruz dos Po-

bres, ainda que amenizada com a percentagem da Caixa.

Um deles, porém, queixa-se pelo atraso do subsídio de doença: — Como estou com *baixa*, e sem dinheiro, não posso comprar os *rumédios*...

Estamos tão marcados por atrasos deste género! E poderíamos calar o bico. Não! Seria atraícoar a nossa missão. Seria colaborar. Em nome dos Pobres, nós protestamos pelos atrasos que prejudicam a sua vida e saúde. Protestamos! «A penúria dos Irmãos dá-nos violência nas palavras e lágrimas no coração» — disse Pai Américo. E muito bem!

PARTILHA — À frente da coluna vai um amigo de D. António Barroso, com 20\$00 na mão. E três vezes mais da rua do Lugarinho — Porto, pedindo «desculpa pela insignificância». Mais 100\$00 de Torres Novas; «desculpai não enviar mais, mas é do coração que vos envio esta migalhinha». Ó delicadeza cristã!

Agora, vem lá a partilha do assinante 15693. Retribuímos o abraço amigo. E 50\$00 de Zaraida; «logo que me seja possível mando mais alguma coisa» — adverte. O dobro da rua Nova do Túnel — Porto. O mesmo de um anónimo, pela mão de D. Hortência. «A velha Assinante de Extremoz» volta a marcar presença amiga e oportuna. Mande sempre! Sousel com 50\$00, comentando: «Há tanta coisa que faz falta num lar que 50\$00 são um átomo na imensidade do essencial. Desculpai». Mais delicadeza!

Carvalhosa, 250\$00 e promessa de uma visita. Aguardamos o dia e o abraço amigo. Lisboa, rua Alexandre Herculano, os 200\$00 habituais. Ainda da capital, 50\$00; «são uma migalhinha para a vossa Conferência, em sufrágio da alma de meu Pai, que faleceu há 2 meses». Um sufrágio cristão.

Mais Lisboa com 500\$00, parte da «nota do meu 13.º mês». E logo a seguir levanta o braço «Uma Assinante do Seixal», sempre com mensagem oportuna:

«Com muita amizade a minha partilha habitual, pedindo a Deus que os homens se lembrem que a paz não irá nascer nunca da não agressão verbal ou física ou da ordem nas ruas, mas, sim, dos homens cristãos ou não, começarem efectivamente a serem irmãos e não só de palavras; pois nunca serão irmãos os que não têm as mesmas oportunidades de casa, saúde, alimentação e educação...»

No Espelho da Moda, 150\$00 de um anónimo ou anónima. «Alguém», do Porto, com uma remessa útil. Mais 200\$00 da capital do Norte, pela mão de «leitora amiga». E o Porto continua: 100\$00 de «uma admiradora da Obra do Padre Américo»; 300\$00 de uma «Alentejana» (somos patricios!); e 100\$00 de Maria da Glória.

Finalmente, 500\$00 de Bragança, pedindo «um Pai-Nosso pelas almas de minha Mulher, meus Pais, meus Irmãos, meus Sobrinhos e meus Avós». E, do Fundão, 200\$00 de um grande Amigo.

Em nome dos Pobres, o portuguêsíssimo muito obrigado.

Júlio Mendes

Sonho

Vamos apanhar o vento
E levá-lo para nossas casas.
Vamos tratar-lhe as feridas da solidão
E fazer uma cama de lavado
Para dormir tranquilamente.
Vamos pedir ao vento
Que sorria, humildemente,
E faça da vida simples canção...
Vamos acender uma fogueira
Para o vento se aquecer
Durante estes dias amistosos
Sem angústias e conseiras.
Vamos fazer poesia, ao calor da lareira.

O vento é o nosso mensageiro
Ao encontro dos Homens e seus pro-
[blemas
No mundo inteiro.

Se é necessário, o vento
Transforma-te em tempestade
Mas liberta a cidade-prisão.
Que as crianças corram à vontade
E ninguém se lamenta mais em vão.
Que tu bem sabes, vento:
O universo é de todos
E o desejo da humanidade
É viver em paz, na liberdade.

Manuel Amândio

SETÚBAL

NATAL — Foi Natal.
Um Natal igual a tantos outros.
Um dia como os demais (para muitos).

Um Natal vivido em alegria, em paz, em tristeza e guerra. Um Natal vivido com amor e justiça, com ódio e falsidade à mistura.

Foi um Natal vivido e feito pelos homens. Pelos homens que propagam a paz e o amor, mas fazem a guerra e o ódio. Pelos homens que sujam as mãos por ninharias; pelos homens que não têm o sentido de comunidade.

Enfim. Foi mais um Natal. Mais um dia. Mais uma folha que do calendário se arrancou e se deixou esquecida.

Também o Natal, para muitos, foi simples data de festa que passa despercebida e se esquece. Retira-se o presépio..., o pinheiro..., e tudo volta ao mesmo. Tudo volta à mesma vida diária, sem que nada se modifique. Afinal para que é o Natal?

Será que o Natal já deixou de ser tempo de reconciliação?

Se nada em nós mudou, é porque não foi Natal. E o Natal é só a noite de 24 para 25 de Dezembro?

Pobres de nós se assim pensarmos! Todos os dias de nossa vida deviam ser preenchidos pelo verdadeiro significado da palavra Natal, porque, se assim fosse, haveria paz no mundo. O mundo deixaria de ser verdadeiro campo de concentração.

Mas é preciso que o Natal de cada dia não sejam vãs promessas. É necessário que a palavra se converta em acção.

ANO NOVO — Ano Novo, vida nova. É o que se costuma dizer. Mas... vida nova em quê? Será vida nova no amor, na paz, na compreensão,

na responsabilidade? Ou será vida nova com maior força para a guerra, com espírito de destruição e ódio? Será que em vez de se gastar dinheiro em armas, se gastará em pão, em casas para Pobres e crianças desprotegidas?

Se a vida nova que o Novo Ano traz e que o Povo apregoa, fosse essa, difícil seria de se saber para quem seria o Prémio Nobel.

Vida nova... Será que vamos viver sem perturbações?

Creio que isso só será possível, se o custo de vida diminuir. Agora tudo aumenta. Aumenta o custo de vida, aumenta a miséria e a fome, aumenta a desgraça, aumentam as promessas de que tudo voltará a ser acessível a todos, mas tudo continua na mesma. Ou melhor dizendo, cada vez pior. Quando deixará de aumentar o custo de vida? Quando?

Se a vida está cara para esses que têm algum dinheiro, como estará para os que pouco ou nada têm?

Há quem diga que, em tempos que já lá vão, a vida era mais acessível a todos; que havia trabalho para toda a gente; que a vida era muito mais barata, etc., etc. E quem diz que não?

«Somos livres» para viver desta maneira?

E a mendicância? E a infância desprotegida? Não há quem veja isso?!

João Maria

Paço de Sousa

CONVIVER — No passado dia 10 — sábado, o nosso professor de Estética Gráfica veio dar as costumadas aulas e logo de seguida (mas só depois de muitos pedidos) almoçou juntamente com a equipa tipográfica.

O comer não estava nada mau: sopa de nabijas e, conduto, arroz com «miúdos de porco».

Comeu; e segundo opinião dele, tanto gostou que repetiu.

E o vinho, claro, esse não podia faltar.

Logo após o almoço dirigimo-nos ao bar onde foi servido café, coisa que ele tanto apreciou.

O nosso café não é lá de grande qualidade, mas também não é mau!

De seguida, o nosso professor resolveu ir jogar ping-pong com o nosso «mestre» de cozinha a quem deu os parabéns por tão deliciosa comida.

Não sei se os leitores se lembram de que o nosso «mestre» cozinheiro é o estudante-trabalhador que no anterior número de «O Gaiato» fez o pedido da motocicleta.

Foi com ele que o nosso professor jogou. O vencedor..., bem, o vencedor não interessa.

Segundo sua opinião, gostou de conviver estas horas connosco. E quem não gostaria?

Venha sempre; cá o esperamos.

BIBLIOTECA — Cá em Casa também temos biblioteca, que está a cargo do Cereja.

Ele é um voluntário que nos seus recreios lá anda a trabalhar ao som da música, música de jovens.

Os leitores que já nos visitaram, e que por acaso viram a nossa biblioteca, sabem que anda sempre limpinha e arrumada.

Temos os mais variados livros para todas as idades.

Pois o Cereja está de parabéns, não só por perder os seus ricos recreios a trabalhar para o bem de toda a Comunidade, como também pelo gosto que ele tem, em ter as coisas — neste caso os livros — sempre no seu devido lugar.

CASAMENTO — No passado dia 17, casou na nossa Capela o Domingos e a Margarida.

O dia ajudou, porque estava mesmo um sol de Primavera.

Por volta das 12 horas foi o acto mais solene — a Missa. Logo de seguida, e por volta das 14 horas, foi a boda que se realizou em Valongo.

É mais um dos muitos casais da Obra da Rua.

Para eles, os votos de muitas felicidades e que Deus os ajude nas horas de maior aflição.

FUTEBOL — Nós, rapazes entre os 14 e 15 anos, gostávamos muito que um grupo de futebol entre essas idades viesse cá, num domingo, jogar futebol. É que estamos mesmo com muito entusiasmo pelo futebol.

Para já, pedimos um grupozito para nós. Mais tarde pediremos outro para os mais novitos. Pois então!

Agradecemos.

«Marcelino»

Passagem d'Ano

Eles festejam com champanhe e dançam
No patamar do Tempo.

Tu ficas no degrau
— que a fantasia já não presta
E ninguém vem pintar o teu Minuto-Zero.

Esse estar vivo — a Espera!
O estado-de-espera-permanente,
Eles festejam com champanhe e dançam
No patamar do Tempo.

Eles festejam, mas tu não!

Gaia, Janeiro de 1976

Santos Silva

AGORA

A Procissão sai. São duas vezes por ano. E quase sempre provocada pelos mesmos fiéis que não descansam no bem que já fizeram nem nas promessas que outros anunciam — e prosseguem e persistem, conscientes de que a Habitação é um problema-primeiro, longe, longe ainda por muitos anos, de ser completamente resolvido.

Não são, pois, muito numerosas estas presenças de meio ano, nem a soma reunida é de deslumbrar ninguém. E no entanto, nunca este fiozinho de água secou e deixou de matar a sede aos que sobre ele se debruçam, estenuados pelo esforço heróico de resolverem eles-mesmos a sua carência, igual à de tantos outros milhares que se ficam à espera de «messias» que se apresentam, mas não salvam. Há nestas contas um valor de fermento de que só a Fé nos deixa entender a eficácia.

Demos lugar aos das Casas a prestações, que bem sabem que o nome escolhido é uma referência e uma inscrição que será escrita (isso sim!) no Livro da Vida.

São a Maria Ana e o Pedro com 500\$ «para mais uma pedrita da Casa Espírito Santo». Mais «duas pedras» de igual valor para a Casa de S. Carlos, que fica na 28.ª. São «cinco gotinhas de 100» para a Casa de Santa Filomena. E mil para a Casa de N. S.ª da Boa-Hora, «que assim deve ultrapassar os 15.000\$00». E acrescenta: «Como 15 contos não chegam para construir a casa que me propuz oferecer e de acordo com o vosso pedido, desisto da casa a favor dos pequenos construtores, embora este gesto não queira dizer que

não voltarei mais vezes com pequenos auxílios para este fim, ou para o que julgarem mais necessário». Assim seja.

Agora, os Pessoais: O da ex-HICA, hoje integrado mas não confundido, na Companhia Portuguesa de Electricidade; e o da Caixa Têxtil do Porto com o seu escudo mensal. Os primeiros juntaram neste semestre 8.020\$80. Os segundos, 2.801\$50.

Só a nível de Administração é que HICA e CPE se confundiram, dessolarizando-se do seu Pessoal. Incongruências do tempo!

Surgem os de todos os meses: A Maria de Ois da Ribeira com 8x100\$. O «Major do Silêncio» com 6x60\$ e outras tantas vezes as suas rendas para outros fins. Deus lhe aumente a saúde e o tenha na Sua Paz. Seis presenças de Berta e Jorge, no Espelho da Moda. Outra Berta, de Lisboa e Amiga «da velha guarda» com o seu semestre pró Património e Calvário. Mary, junta ao ano: 12x20\$. E ainda não apareceu este ano o foro das rosas que cultiva com duplo amor: o seu hobby e o destino dele em favor dos Irmãos.

Várias presenças da Alda do Ribatejo, agora no Barreiro. Outras tantas de 150\$, da Nazaré. E a Mãe do Rui com os seus 20\$ mensais.

Fecham os Avulsos, dos quais muitos, sem periodicidade certa, são também habituais. Cem escudos de «um adepto». Cinquenta contos de Amélia e José. Dez de outro casal, João e Noémia, «tocados por uma notícia de v/ jornal n.º 815». Mil da Maria Helena. Cinco vezes mais com este recado:

«Consegui, passados os 50, construir uma pequena casa de veraneio. Logo tive a intenção de vos pagar impostos». Seguem por este correio 5.000\$ para o Património dos Pobres ou o que o substitua em matéria de casas para quem as não tem...»

Quinhentos de Ester. Muitas sobras de assinaturas do «Famoso» e da nossa Editorial.

Dois mil e quinhentos (e mais com outros destinos) de um licenciado que descobre muitos pretextos para aparecer. Desta vez veio de sociedade com uma filha.

Trinta contos de Santarém, de um seguro recebido e «só agora, porque a minha situação económica tem sido sempre dura». Bendito seja Deus que lhe não endureceu o coração!

O ALCOOLISMO

● Na leitura rápida de alguns órgãos de comunicação social, fomos seduzidos por dois títulos. Um: «Meio milhão de portugueses vítimas do alcoolismo»; outro, comentando: «Beber sim, mas não tanto».

Sublinhámos os excertos mais expressivos e oportunos.

A Sociedade Antialcoólica Portuguesa — «criada por um grupo de médicos que se tem dedicado ao tratamento de alcoólicos» e «encorajada pelas experiências de instituições congêneres noutros países» — iniciou uma jornada de esclarecimento público de 15 de Janeiro a 15 de Fevereiro próximo.

«Tendo em conta que, depois da França, Portugal é o país de maior consumo de álcool per capita, a campanha reveste-se de particular importância, já que, por outro lado, esta doença, entre nós, nunca foi encarada com a preocupação que a sua gravidade requer. Empreendimento limitado, dada a escassez dos meios necessários para a concretização de uma acção mais eficaz, tanto no domínio profilático como no terapêutico, esta iniciativa da SAP pode, no entanto, constituir uma importante chamada de atenção para o problema, conhecidos que são os nefastos resultados do alcoolismo.»

Um retrato da nossa pobreza de meios terapêuticos: para meio milhão de alcoólicos, apenas existem dois centros de recuperação (cerca de cem camas) e sete médicos especializados!!

● Mastigámos os recortes. E fizemos uma retrospectiva dos estragos do álcool em muitos lares. Quadros negros! Mas reais, do dia-a-dia.

Vários 500\$ do J. P. R., do Porto. De Gaia, 3.000\$ de um militar, para «a 1.ª prestação de 12 contos que temos a intenção de oferecer, nós e a nossa filha mais velha, que este ano começou a sua vida de professora. Que Deus a abençoe e a ajude na sua missão. Que Deus nos abençoe e vos abençoe a todos! Somos muito gratos...»

Trezentos escudos da Av. Visconde de Valmor, em Lisboa, de um sacrificado que integra o seu sofrimento no de tantos e tantos provados como ele em tempo tão desvairado.

Cinco contos entregues no Tojal, por Mafalda. Mil e duzentos dali perto: Sto. António dos Cavaleiros.

Dezasseis contos de Bragança, de uma «capitalista do Banco da Eternidade». Nós sabemos como é sóbria a sua vida.

Lisboa: cem da R. Morais Soares. Da R. António Saldanha, 8 contos (e mais dois para outros fins). No Montepio Geral, 700\$.

Da Covilhã, 1.000\$ (e mais 1.000\$), «parte do meu ordenado deste mês». De Portimão, 1.000\$, repartidos de 6.500\$.

Os «Bairristas do Palácio» não falham aí no 1.º domingo de Outubro desde há 19 ou 20 anos. Pois este ano deixaram 3.659\$00.

Cem escudos de um «Retornado com 7 filhos e um terreno para construir». Que esta sua partilha seja a semente da casa de que tão urgentemente precisa.

Mais uma vez MM-AL com 1.000\$. Cem de uma caixa no Notariado da Câmara Municipal do Porto. O dobro de uma letra rabiscada mas bem conhecida.

E, finalmente, uma notícia que oportunamente foi dada, mas merece aqui o seu registo: os duzentos contos que o Santuário de Fátima destinou ao Património dos Pobres, como «participação do ofertório dos dias 12/13 de Maio» do ano que findou.

Padre Carlos

fraqueza que, normalmente, é fruto de problemas ou carências sociais, de conflitos individuais, familiares ou comunitários, os mais variados. Tubo de escape.

Sim, o alcoolismo é uma doença social. Sabemos um pouco das suas desastrosas consequências, pelo muito que vemos sofrer entre os Pobres e os Trabalhadores. Pelo muito que sofrem ainda criança! Por gerações de alcoólicos que vimos nascer...

Ainda agora somos abordados por uma Sacrificada: — Veja se pode escrever uma carta prá Caixa, a ver se a reforma do meu home não tarda. Ele já não se aganta... E se for à Caixa fica por lá...!

Era um Trabalhador especializado. Hoje, poderia ter uma vida limpa, airosa. Poderia, inclusive, ter a sua casa, construída pelas suas mãos — que é artista. Poderia ter uns filhosãos; e não debilitados, marcados pelo álcool; injustamente condenados — a piores vítimas!

«Escreva uma carta para a Caixa, a ver se a reforma do meu home não tarda. Ele já não se aganta...» É o triste fim de milhares de alcoólicos. Quadros negros!

Júlio Mendes

As nossas Edições

Não resistimos. Não podemos calar a boca, melhor diríamos travar a pena! Todos os dias úteis, seguemos, pelos CTT, obras de Pai Américo, «O LODO E AS ESTRELAS» e até o «CALVÁRIO»! Há mesmo quem solicite, duma vez só, a colecção completa da nossa Editorial!! Outros ainda que, por não haverem topado a lista de obras saídas dos nossos prelos, mesmo nas badanas dos últimos livros, pedem esclarecimentos; ou, para adiantar, fornecem nota dos títulos que

possuem, requisitando logo os restantes. Pormenor digno de realce — e cheio de significado — são os que não guardam só para si quanto encontram de Vida nas obras que lêem, por nós editadas. Motivam gente da sua roda de amigos ou, então, oferecem volumes a familiares; seja em dia de festa ou não. Quais discípulos do século XX.

Fernando Dias, que tem sido companheiro de Padre Teófilo,

Cont. na QUARTA pág.

Novos Assinantes de «O GALATO»

«O GALATO» invadiu Mira de Aire! É verdade. Recebemos de lá, 40 novos Assinantes, enviados por mãos religiosas — que o são. E com os melhores desejos dum bom ano e das melhores bênçãos do Menino Deus.

Retribuímos com amizade. E esperamos que esses 40 sejam fermento de muitos mais. Não só de Mira de Aire, mas de todo o País; de todo o mundo onde haja um Português.

A propósito, que dizer da afirmação da Assinante 2838, longe da sua terra e dos seus?:

«Obrigada por tudo que me dais através do vosso (nosso) jornal que continua a ser uma grande força para mim — a única, de resto, que tenho; o refúgio onde, ainda, algumas vezes, consigo encontrar Paz...»

E por «O GALATO», nas palavras desta Leitora, ser «uma

grande força» e o «refúgio onde, ainda, algumas vezes, se consegue encontrar Paz», vamos motivar outros Amigos, que os há. Amigos da Paz, cujo anseio é universal! E por mais voltas e reviravoltas que os homens teçam — respeitando mesmo as opiniões de todos — há só uma estrada que nos pode conduzir à Paz: Cristo. Mais nada. Mais ninguém!

Recebemos, ainda, novos Assinantes da Covilhã, Barbacena (Leste), Linda-a-Velha, Reboleira (Amadora), Vildemoinhos (Viseu), Roriz, Valongo, Figueira da Foz, Horta (Açores), Aveiro, Leiria, Rio Tinto, Lagos, Esgueira (Aveiro), Porto e Lisboa uma data deles; e, por fim, de Paris e de Joanesburgo (África do Sul).

Júlio Mendes

Aquele dia acabou inesperadamente na 7.ª Esquadra do Porto, onde o Augusto aguardava um de dois caminhos: Casa do Gaiato ou Tutoria.

O Augusto tem 14 anos francesinos. Órfão de pai aos seis, no dia seguinte ao funeral, a mãe foi-se com outro com quem já andava metida. Ficaram quatro filhos: uma menina internada algures; um rapazito mais velho de que uns tios se ocuparam; e o Augusto e o irmão mais novo foram internados também.

O Augusto, inteligente e vivo, não era fácil. Vindo à Escola fora, acamaradou com outros — e o grupo contava já um importante rol de assaltos

O AUGUSTO

de que foi vítima principal a Escola do Magistério Primário.

Expulso do Internato, passou a morar no «muro» — muralha natural ao cimo de D. João IV onde a rua desemboca na da Alegria. Trepava por um candeeiro da iluminação pública e aninhava-se num côncavo da rocha — o seu apartamento. Quando das aventuras, se havia risco de perseguição, escondiam-se na «quinta do cavalo» — quintal abandonado, mesmo em frente ao nosso Lar.

O que eu aprendi da geografia das imediações no diálogo daquela noite!

Do «muro» foi recolhido por uma família que morava em frente: pai tipógrafo, mãe padeira e sete filhos. Que gente boa! Como há ainda gente boa neste mundo onde o egoísmo impera!

Augusto ficaria ali — e bem! — se não fora o espírito aventureiro e o seu compromisso com o grupo. Claro que não era ali o seu lugar! «Uma mãe, se é mãe, tem sempre um buraco para um filho» — me dizia ele. Oh sentença de condenação!

Feita a Instrução Primária, sem nada que o ocupasse, imaginação a ferver e engenho raro, a actividade terrorista recrudesciu. Já há meses, da Escola do Magistério viera aí uma deputação interceder por ele. Na tarde desse dia foi ainda da Escola que saíu o grito de alarme: «Se V. não vier por ele esta noite, ele vai para a Tutoria».

Ir para a Tutoria não era, até, solução errada. Somente seria justa se o réu não fosse ele mas a mãe; e os Serviços Judiciários de Menores, obviamente para a defesa destes, responsabilizasse até às derradeiras consequências a mulher que o gerou e aos seis anos, órfão de pai, o abandonou à sua sorte e deixou em aberto e progressiva esta ferida de abandono, agora nada fácil de curar.

Professoras do Magistério, a «mãe»-padeira (que naquele dia não faltou na 7.ª Esquadra com a merenda e o jantar e o conforto da sua presença e a comunhão das suas lágrimas) e eu, pusemos ao Augusto os dois caminhos, com toda a clareza — e pedimos-lhe a opção. Ele só viria comigo se quisesse. Quis. Dormimos no Lar, pas-

sámos a manhã seguinte em recados e, à hora do regresso, após o almoço, o Augusto desaparecera. Vieram no dia seguinte trazê-lo os seus Amigos do Magistério, que nem se lembram dos assaltos e dos prejuízos deixados na Escola, por ele e pelo grupo, na ânsia de o salvar. Quis ver o ambiente e decidiu-se por ficar. Mas 24 horas depois não conteve as saudades e foi até ao Porto.

«A noite apresentou-se no Lar pelo seu pé — e está conosco. Até quando? Que luta se não trava no seu íntimo entre o que a sua razão lhe mostrará e a saudade daquela vida sem lei em que o abandono o lançou?!»

Está aí. Trabalha na secção de electricidade. Vivo, engenhoso, eficiente — o Augusto será um homem muito válido ou um valoroso chefe de quadrilha.

Deus nos dê o bafo e lhe dê a graça de encontrar aqui «o buraco que uma mãe tem sempre para um filho, se é mãe!»

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA pág.

cores e fitas de fantasia. Uma tarde de convívio com os seus filhos que nos brindaram com as suas canções de Natal e nós cantámos também as nossas. Um filme colorido, um Black & Decker industrial com coluna mais o fruto das suas economias em cheque e, por fim, um lanche-ceia onde todos fomos um só. Muito nos sensibilizou terem vindo algumas senhoras com seus trajes regionais — lindos, lindos! — como os das nossas gentes do Minho a mostrar algo mais que uma caridadezinha. Perdoai dar este relevo a estrangeiros; é que elas não têm a marca C. D. ou coisa parecida, ou privilégios. São mulheres de Trabalhadores em firmas portuguesas, de ramos especializados. Gente de trabalho, não de privilégios.

Não faltaram, não, os nossos queridos Amigos de todas as horas: os Lisboaetas. Foram tantos e tão discretos, muitos quase anónimos para nós mas não para o Pai Celeste.

Nem as Crianças das Escolas Primárias daqui ao lado e de Loures e do Ciclo Preparatório deixaram de comparecer com os seus brinquedos, doces e economias. Que mundo de amizade e de amor! Que contraste com o que se ouve e vê por aí! E os que não puderam vir não faltaram pelo correio com suas renúncias e palavras amigas. Milagre de amor, disse eu ao iniciar estas linhas. É que o nosso apelo pessoal a algumas grandes empresas e congêneres, bem como a entidades oficiais — salvo algumas excepções — foi um fracasso! Porém, a generosidade e o carinho do verdadeiro, do autêntico Povo da grande Lisboa e os seus sacrifícios, repararam, se não excederam até, o que os «grandes» nos recusaram.

Tudo isto assim mal alinhavado tem um epílogo que demonstra no tempo o que Pai Américo já então afirmava:

«O nosso Povo tem a intuição da verdade e, afeito como anda à vida de sacrifício, não admira nem estranha que outros a façam, vendo simplesmente negra onde tu, a excepção.»

Ou: «Para ajudar o Pobre ainda não apareceu ninguém mais capaz que os Pobres. Mas que um tire à sua boca do que é necessário ao seu alimento, isto é heroísmo.»

Foi o que vós fizestes. E isto, para mim, é o Milagre do Amor.

Padre Abraão

As nossas Edições

Cont. da TERCEIRA pág.

hoje aqui retido por via da problemática angolana, está nem mais nem menos do que virado a cireneu da Editorial. Mais precisamente a catar, no ficheiro, senhoras e senhores caloteiros (ou não...; às vezes acontece!) e a botar o endereço no postalzinho que, depois, segue pró correio, qual bicha de rabião para acordar dorminhocos.

O Fernando todo se ufana — e muito bem — com a saída em grande forma de «O LODO E AS ESTRELAS!»

Ora, o serviço transitório dele já faz parte dos preparativos de lançamento do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES» — em 4.ª edição. Trabalho que culminará, na medida do possível, com a repescagem de possuidores desse volume, a fim de que, na altura, poucos ou ninguém se queixe de haver recebido outro, já o tendo. É que nos princípios da nossa Editorial não havia nada; só a boa-vontade de promover uma família de Assinantes — com o beneplácito e a liberdade total de Pai Américo. Há mais de vinte e cinco anos. E eles já são mais de 4.000!

Júlio Mendes

CARTA de Lourenço Marques

«Senhor Padre Luiz

Aqui me tem a dar sinal de vida. Hoje, todos vós nos tendes presentes confiantes no Santíssimo Nome de Jesus.

É da república do Tomaz da Conceição que lhe escrevo e onde nos encontramos todos. Aqui passámos o Natal e Ano Novo. E será daqui que regressamos. Eu, Elisa e filhos vamos no «Niassa» que sai daqui entre 5 a 8 do corrente. Vamos de barco para se conseguir ligar para as nossas coisas; fica mais barato e dá para recuperar algumas energias. Senhor Padre José Maria ainda não decidiu quando e como vai.

O que foi o mês de De-

zembro e de como tudo aconteceu é-me impossível descrever e para vós talvez inconcebível. Passou a tempestade, mas muito tempo é preciso para a reconstrução deste abalo. É certo que vamos de cabeça levantada, mas o perdido nesta luta deixa-me dúvidas de recuperação, pelo menos a médio prazo...

Quim»

N. R. — Aguardamos a todo o momento a chegada do nosso Padre José Maria que oportunamente dará conta aos nossos leitores de como foi espoliada a nossa Casa do Gaiato de Lourenço Marques.

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA pág.

desvelo, sobretudo para com os doentes, os velhos e as crianças, são notas positivas que importa e sabe bem acentuar. Contrastes! Ao par da guerra, dos morticínios, da tirania, da fúria à responsabilidade, por parte de muitos, outros no caminho da fraternidade e na senda da paz e do serviço dos Irmãos!

● Informados da presença em Luanda do nosso Júlio, em viagem ao serviço da nossa Casa de Malanje, logo na manhã de 16, fomos levados gentilmente pelo Senhor D. Manuel à Casa dos Rapazes, onde se encontrava a nossa camioneta. Almoçando no lar do Pedro, hoje em Portugal, aí encontramos muitos dos nossos ex-Rapazes, trabalhando na cidade. À noite fomos comer com o José Gomes, tendo dormido na casa que então ocupava. Da parte de todos, muita

amizade e espírito de hospitalidade, denotando vínculos que, se outros motivos mais consistentes não houvesse, justificariam, para consolo nosso, muitos trabalhos e canseiras havidos, para lá da queda dos cabelos e do embranquecimento dos poucos existentes...

● A 17 foi a despedida da Joaquina e do Quim, de viagem para Lisboa e a nossa saída, pelas 14 horas, em direcção a Cambambe, «feudo» do nosso Padre Telmo, que ali muito deu pelos homens, a caminho de Malanje. Tendo dormido e jantado na estalagem da barragem, com o Júlio e o Quim II, graças ao acolhimento incondicional que ali encontramos, tivemos também a alegria da companhia prazenteira do ex-malanjino Mendonça, funcionário da Sonefe. Horas de convívio no bar da empresa com alguns dos seus serventuários, escutando os seus an-

Notas de viagem (3)

seios e as suas preocupações, foram também de confirmação do pouco apreço ou consideração pelos militares portugueses ainda presentes, independentemente da etnia dos interlocutores. Verdades tristes mas que temos de dizer.

● Pela madrugada de 18 eis-nos na rota de Malanje, ansiosos que estávamos de ali chegar. Controles e mais controles. Dezenas e dezenas de veículos incendiados ou destruídos, de todos os tipos, ao longo da estrada. Colheitas por fazer. Sinais de destruição e de abandono. Ausência do homem branco. Um olhar fixo, enquanto foi possível, sobre a Aldeia dos Leprosos que Padre Telmo criou no seu coração e tornou realidade. Eram cerca de 12 horas e os eucaliptos estavam à vista. Os amplexos apertados eram o melhor testemunho do que nos ia nas almas.



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa